

V ENEC - Encontro Nacional de Estudos do Consumo I Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo Tendências e ideologias do consumo no mundo contemporâneo 15, 16 e 17 de setembro de 2010 - Rio de Janeiro/RJ

“Devo não nego- Pago quando puder” - Um estudo etnográfico sobre consumo, sacrifício, prazer e organização doméstica em lares de mulheres endividadas

Shirley Alves Torquato¹

Resumo

Buscaremos aqui analisar como os gastos e despesas relacionadas à casa se revelam nas relações domésticas entre os gêneros. Paralelamente a essa idéia, procuraremos situar a arena que o sacrifício ocupa no que se refere à aquisição e quitação dos bens domésticos, sobretudo por parte das mulheres. Não pretendemos aqui abstrair a assimetria social, histórica e biológica entre homens e mulheres, e sim, ressaltar o fato de que, mesmo que as distinções sejam percebidas notoriamente, tal vivência é relacional, assim, os discursos entre gêneros sempre atravessam outras relações sociais. O pequeno campo nos possibilitou observar a trajetória de mulheres que tomaram para si funções que acreditavam ser masculinas, e exatamente por não acreditarem serem suas tais funções, lançaram mão de sacrifícios financeiros e morais, o que inevitavelmente resultou em mágoas, decepções e desgastes emocionais. A vida social exige, evidentemente, obrigações e disciplina, mas ela repousa também sobre a troca, a reciprocidade e as relações contratuais. Isso vale também para as relações entre as sociedades, entre as nações. O sistema de dádivas preza pela coesão social, distribuição de bens necessários e paz. Nesse sentido identificamos que se a dádiva tem um gênero no interior da casa, este é o feminino.

Palavras-chave – consumo- sacrifício- dádiva

¹ Doutoranda em Antropologia pelo PPGA-UFF satorquato@ig.com.br

1-Introdução

O trabalho que segue tem como objetivo identificar a centralidade que os objetos possuem na casa brasileira, sobretudo daqueles indivíduos que se consideram endividados. Para identificarmos tal hipótese, elaboramos uma etnografia em quatro residências de mulheres pertencentes às camadas médias na região metropolitana do Rio de Janeiro que se identificavam como endividadas.

O destaque neste estudo será a investigação sobre a percepção da dívida por parte dessas informantes, que por acreditarem tomarem para si funções que seriam masculinas, levam uma vida de sacrifícios, trazendo como conseqüências diretas decepções e desgastes emocionais e morais.

A literatura que estrutura tal discussão está centrada na teoria do sacrifício de Hubert e Marcel Mauss e de Daniel Miller que associa a prática do consumo como um rito devocional. Seguindo a perspectiva de Marcel Mauss e Hubert, falar em sacrifício implica falar em dádiva:

"(...) Em todo sacrifício há um ato de abnegação, pois quem se sacrifica se priva e se dá. Essa abnegação lhe é mesmo freqüentemente imposta como um dever. (...) Mas essa abnegação e essa submissão não deixam de ter um lado egoísta. *Se o que sacrifica dá alguma coisa de si, ele pião se dá; ele se reserva prudentemente. É que se ele dá, é em parte para receber.* O sacrifício se apresenta, então, sob um duplo aspecto. É um ato útil e uma obrigação. O desinteresse se mescla ao interesse. Por isso ele foi freqüentemente concebido sob a forma de um contrato". (Mauss, 1999, p.88)

A vida social exige, evidentemente, obrigações e disciplina, mas ela repousa também sobre a troca, a reciprocidade e as relações contratuais. Isso vale também para as relações entre as sociedades, entre as nações. O sistema de dádivas preza pela coesão social, distribuição de bens necessários e paz.

Ter uma casa bonita e bem localizada, "bem arrumadinha", o quarto das filhas com móveis "de primeira", os filhos estudando em boas escolas, se vestir bem e viajar nas férias, é visto para a maioria dos indivíduos de nossa sociedade como uma dádiva e pode parecer um cenário ideal para uma família de classe média, no entanto, vivenciá-lo com um salário não compatível, exige muito sacrifício, ou então, o acúmulo de muitas dívidas. Dívidas essas que trazem como conseqüência: brigas, arrependimentos, desgastes, aborrecimentos e inúmeros dramas.

Os pressupostos antropológicos nos mostram que a existência da dívida estrutura a existência da sociedade. Sem dívida, não existe a expectativa da sua contrapartida, que é a reciprocidade. No entanto, uma dívida não paga, também resulta numa falta de reciprocidade, ou a quebra de um princípio moral.

“A dívida deliberadamente mantida é uma tendência da dádiva, assim como a busca da equivalência é uma tendência do modelo mercantil. Os parceiros num sistema de dádiva ficam em situação de dívida, negativa ou positiva. Se for uma situação positiva, significa que consideram que devem muito aos outros. Não é uma noção contábil. É um estado, no qual cada um considera que, em termos gerais, recebe mais do que dá. O sistema da dádiva se situa, assim, no pólo oposto ao do sistema mercantil. Não porque seja unilateral, o que não é, mas porque o que caracteriza o mercado, como vimos, é a transação pontual, sem dívida, ao passo que a dádiva busca a dívida”. (Godbout,1998, p. 5)

2- A casa e o espaço do feminino

A casa, lugar da domesticidade e da intimidade, núcleo inicial da sociabilidade e da "família", é um dos temas mais caros à Antropologia, uma vez que é o espaço moral, que de acordo com Roberto Da Matta (2000), somos reconhecidos pelas nossas particularidades, construímos a idéia de confiança, conforto e segurança. Nesse sentido, a escolha de um lar, a arrumação e disposição dos móveis e cômodos, os quadros na parede, os bibelôs na estante e as fotografias, dão o toque de personalidade, sinalizando um pouco do capital cultural, econômico e o gosto dos “donos”. Sim, ainda que o sujeito seja operário, ou tenha qualquer profissão considerada subalterna, em sua casa ele pode ser dono e ter poder de mando até mesmo em relação aos seus patrões quando os visitam.

Desde O clássico *Casa Grande e Senzala* (2006) observamos a importância que a casa e, sobretudo o interior da mesma possui na sociedade brasileira. Segundo a tese de Freyre, a própria estrutura da Casa-Grande expressaria o modo de organização social e política baseada na hierarquia patriarcal. Portanto tal estrutura seria capaz de incorporar os vários elementos que comporiam a propriedade fundiária do Brasil. Do mesmo modo, o patriarca da terra era tido como o dono de tudo que nela se encontrasse como parentes, filhos, esposa, etc. Este domínio se estabelece de maneira a incorporar tais elementos e não de excluí-los.

O fato deste trabalho estar centrado na observação de práticas e comportamentos femininos em relação ao consumo e endividamento doméstico, não significa que acreditamos que o endividamento seja explicado pelo viés de gênero ou porque as mulheres são as mais “descontroladas” ou envolvidas em dívidas e sim porque são elas

que culturalmente tem o espaço doméstico como referencial de organização. Logo, o envolvimento com despesas, a organização e decoração e até mesmo a palavra final na aquisição de um bem, acaba sendo quase que uma função social feminina.

“Ainda que mudanças tenham sido operadas no sentido da diversificação do repertório sociocultural sobre o masculino e o feminino, estas mudanças também colocaram em evidência outros sentidos do trabalho doméstico: obrigação da vida familiar e do lar, cujas tarefas devem ser divididas ou estruturadas de forma a contemplar os projetos individuais dos membros da família. Esse sentido acompanha o repertório tradicional de que o ato do trabalho doméstico é tarefa das mulheres porque esse é o lugar das mulheres”. (Lins de Barros, 1987, p.58)

Relacionar estilos de vida e mobiliário pode nos levar a refletir sobre identidades que são articuladas em torno de significados diversos com o passar do tempo nas interações sociais, compartilhadas em forma de linguagem. A arrumação, e investimento em determinados bens em detrimento de outros estão associados ao estilo de vida, que por sua vez são produto do *habitus*, expressos por sinais distintivos ou classificatórios, gostos que aproximam ou diferenciam grupos sociais.

“A propensão e aptidão para a apropriação-material ou simbólica de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes é a forma geradora que se encontra na origem do estilo de vida, conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica distintiva de cada um dos sub espaços simbólicos- mobiliário, vestuário, linguagem ou hexis corporal – a mesma interação expressiva”. (Bourdieu, 2007, p:165)

As residências observadas têm forma mais ou menos homogênea em termos de tamanho, mas se distinguem no que se refere a mobiliário, arrumação, prioridades em gastos, bens tecnológicos e preparo da casa para receber amigos e ou familiares. Nesse caso, a existência de um ambiente para tal, não está ligado propriamente ao espaço físico, mas a outras injunções que refletem as relações com o tempo disponível e a referência que essas casas possuem segundo os parentes e amigos. A arrumação e o investimento na posse de bens tendem a estar associados a universos maiores como as biografias, funções sociais estabelecidas no interior da família e possíveis ressentimentos com familiares co-habitantes.

A etnografia das residências é sem dúvida um dos pontos que mais favorece a discriminação do conjunto de entrevistadas em relação às demais, destacando marcas distintivas de status, estilos de vida e situação social. A história de qualquer casa, via de

regra, está associada ao universo das histórias de vida dos seus respectivos donos. Sendo assim, uma casa nunca é apenas o local onde dormimos e nos recolhemos. Ela faz parte do conjunto de valores e situações particulares vivenciadas pelos habitantes da mesma ao longo da vida: suas conquistas, dores, gostos, situação financeira, sofrimentos e vitórias, solidão e sociabilidade, dentre outras situações.

O termo “lar” se alimenta de e explora a ambigüidade entre a categoria de parentesco e o viver junto. De acordo com Carsten e Hugh-Jones (apud Miller, 2002) a casa desempenha um papel chave na cosmologia, pelo modo como as pessoas se relacionam com os conceitos que os transcende como indivíduos e com o poder simbólico.

Abaixo os perfis das donas de casa etnografadas:

- 1- AMN- 36 anos, professora de Sociologia do ensino médio, recém divorciada, mora sozinha em apartamento alugado no Fonseca, zona norte de Niterói; rendimento pessoal mensal de R\$3, 200,00
- 2- MHA- 45 anos, telefonista, casada, mora com marido e filha de 12 anos em apartamento próprio em Icaraí, zona sul de Niterói; rendimento pessoal mensal R\$ 800,00
- 3- ARB-35 anos, contadora, solteira, mora com mãe em apartamento alugado no Fonseca, zona norte de Niterói. Rendimento mensal de R\$ 3, 200,00
- 4- CAF- 55 anos, técnica em enfermagem aposentada, casada, mora com marido e duas filhas de 24 e 18 em casa própria no Bairro Antonina, São Gonçalo. Rendimento pessoal mensal de R\$2, 500,00

Todas as informantes entrevistadas, embora possuam especificidades em relação às escolhas, gradações e estilos de vida, têm em comum, dívidas relacionadas à casa e conseqüentemente, um sentimento de sobrecarga em relação à esse fato.

3-O feminino e a dádiva de ser mulher

Entende-se por dádiva tudo o que circula na sociedade que não está ligado nem ao mercado, nem ao Estado (redistribuição), nem à violência física. É o que circula em prol do ou em nome do laço social. Pode se mostrar na forma de presentes, hospitalidade e demais serviços entre amigos, vizinhos, parentes, e até entre desconhecidos, como: doações de sangue, de órgãos, filantropia, doações humanitárias, benevolência etc. De acordo com Godbou(1998) refletir acerca da dádiva é, na verdade, tentar compreender o que é uma obrigação social ou moral. Essa relação é o núcleo da dádiva, no entanto, é praticamente impossível de observar diretamente, em seu próprio movimento, pois se a

percebe sempre enrijecida, petrificada, paralisada sob a forma de regra social, legal, convencional, tradicional, racional. Nesse sentido, a "verdadeira" dádiva é um gesto socialmente espontâneo, um movimento impossível de captar em movimento, uma obrigação que o doador dá a si mesmo, mas uma obrigação interna, imanente.

“Uma primeira característica de um sistema de dádiva consiste no fato de que os agentes sociais buscam se afastar da equivalência de modo deliberado. Isso não significa que a dádiva seja unilateral. Pode sê-lo, mas essa não é uma característica essencial sua. Geralmente, ao contrário, há retribuição, e muitas vezes maior do que a dádiva. Mas a retribuição não é o objetivo. É um equívoco aplicar a ela o modelo linear fins-meios e dizer: ele recebeu depois de ter dado, portanto deu para receber; o objetivo era receber, e a dádiva era um meio. A dádiva não funciona assim. Dá-se, recebe-se muitas vezes mais, mas a relação entre os dois é muito mais complexa e desmonta o modelo linear da racionalidade instrumental”. (Godbout, 1998, p.7)

As representações tradicionais que constroem o imaginário do ser mulher, esposa e mãe implicam num conjunto de atribuições funcionais, sobretudo que resultam em doações, portanto, em dádivas: cuidar da casa, do marido, dos filhos, ser paciente, compreensiva e demais atribuições nesse campo semântico.

Miller (2002) resgata a formação das práticas burguesas a partir do século XVIII religiosas cristãs ao associar a emergente moral burguesa aos aspectos funcionais entre os gêneros. “Como centro dessa nova domesticidade saturada de religiosidade, está o ideal da fêmea como esposa e mãe, identificada integralmente com seu dever devocional para com sua família.” (Idem, 131)

De acordo com a perspectiva de Miller, as compras são interpretadas como rituais de devoção com um componente de gênero, que justifica uma abordagem voltada para a compradora a fim de constituir a cosmologia fundamental das compras pelo fato das mulheres estarem contidas neste imaginário. Portanto, ser devotada e cuidadosa com a estética e a organização da casa e com os membros da mesma, vai aos poucos se incorporando no imaginário social do “ser mulher”.

Campbel (2002) analisa a o ócio das mulheres européias burguesas no século XIX, bem como a extrema ligação com a leitura de romances e passeios pelas ruas e cafés, como sendo elementos fundamentais para a internalização de subjetividades e construção do consumismo moderno, criando uma representação das mulheres ligada ao desejo e aquisição de frivolidades.

A ânsia de alimentar as expectativas emocionais traz como consequência o que Campbel (2002,p.42) chama de “desenfreado e irrestrito individualismo”. Esse seria, segundo o autor, o valor máximo do consumo, pois existe implicitamente uma ênfase no direito dos indivíduos a decidirem por si mesmos que produtos e serviços devem consumir: [...] o consumismo moderno tem mais a ver com sentimentos e emoções (na forma de desejos) do que com razão e calculismo, na medida em que é claramente individualista, em vez de público, sua natureza.

4- As camadas médias e a organização espacial

Não é de hoje a dificuldade encontrada por cientistas sociais e dentre eles os antropólogos para identificar os grupos pertencentes à classe média. Não só o capital econômico, mas principalmente a representação que os atores fazem de si, colaboram para a identificação de uma classe ou realidade social. Ascender socialmente com sacrifício é uma característica recorrente à idéia de classe média, sobretudo nos casos analisados.

De acordo com Wright Mills (1976), para nova classe média, a instrução substituiu a propriedade como uma garantia de posição social. As economias e o sacrifício da nova classe média para assegurar uma boa instrução para os filhos substituíram as economias e o sacrifício da velha classe média para ter certeza de que o filho receberia uma boa herança com a qual poderia garantir sua sobrevivência.

Informante número 1:

A entrevistada número 1, AMN, se destaca dentre as demais pelo seu perfil. É divorciada, portanto já passou pela casa dos pais e pela casa que montou com seu ex-marido. Morando sozinha há três meses, está ainda em processo de montagem de um apartamento que de acordo com ela, “seja a sua cara”. Segundo relata, o marido levou pouquíssimas coisas do apartamento que dividiam no Grajaú, zona Norte do Rio, mas ela se desfez de alguns móveis que não gostava ou que estavam gastos, como os sofás. Decorar o apartamento é um dos hobbies preferidos da informante, que admite gastar boa parte do dinheiro que recebe com apetrechos para o mesmo em lojas de decoração.

“A minha casa é a minha cara. É rústica misturada com toques modernos. Tem cores fortes, misturadas com artesanato; peças antigas com bibelôs modernos. Mostra um pouco como eu sou: Conservadora e inovadora ao mesmo tempo. Dou muita importância à decoração. Mais do que a tecnologia. Não preciso ter um som potente, mas eu gosto de estilo. É nisso que eu invisto. Na minha família meus irmãos também são assim. Minha irmã é decoradora. Mas a minha faxineira acha minha casa cafona. Ela acha que eu tinha que comprar um rac nas Casas Bahia. rs”

Perguntei a mesma se um dos motivos para suas dívidas tem a ver com gastos associados à casa e ela respondeu-me que a sua relação com o endividamento começou quando ela e o ex marido resolveram se casar há seis anos:

“Nós não tínhamos nenhum dinheiro guardado, mas resolvemos casar assim mesmo. Ganhávamos pouco e começamos a comprar os nossos móveis de quarto e de cozinha nas Casas Bahia. Eu sinceramente não gosto dos móveis de lá, mas era o único lugar que aceitava o pagamento num número maior de parcelas. Após o casamento vieram as despesas reais como conta de luz, água, aluguel e um monte de contas que eu não estava acostumada, pois morava com meus pais e não pagava nada. Ainda assim, eu me empolguei, queria arrumar a minha casa e acabei contraindo outras dívidas, e uma delas que eu não paguei até hoje: um computador comprado pelo Banco do Brasil, que 20% da minha renda na época. Essa é a dívida que mais me incomoda porque é um financiamento do governo federal e eu ouvi dizer que pode cair na dívida pública e eu nem sei o que podem fazer por causa disso. Mas, sinceramente eu não vou pagar não.”

Quando perguntei se durante os seis anos em que ficou casada em algum momento não esteve endividada, AMN respondeu:

“O ano de 2007 foi quando eu tive o salário mais alto da minha carreira, no entanto, como eu trabalhava aos sábados e não podia viajar eu gastava mais ainda com artigos de decoração para minha casa. Com o divórcio, as dívidas cresceram ainda mais, pois agora não há ninguém com quem dividir as despesas. Cheguei a pensar em procurar alguém pra dividir o apartamento comigo, mas de repente é até melhor mesmo não ter ninguém porque não iria dar certo...”

O apartamento de ABMN é num prédio antigo, de classe média baixa de quatro andares numa avenida movimentada, umas das principais da cidade. O barulho pode ser um inconveniente, mas o prédio possui um tratamento acústico que abafa o som quando fecham-se as janelas. O apartamento é dividido em: dois quartos (um deles ela faz de escritório), uma sala, um banheiro, dependência de empregada (que ela usa como dispensa), cozinha, área e banheiro de empregada, divididos em 70 metros quadrados. As paredes são brancas, casa é impecavelmente limpa e a decoração simples com toques de sofisticação, confere um estilo quase profissional ao ambiente.

Apesar de manter dois empréstimos consignados em folha de pagamento e o nome estar incluso no cadastro do SPC, ABMN não deixa de fazer compras para sua casa, comprar roupas de vez em quando, gastar com saídas com amigos à noite e fazer pequenas viagens. O exemplo desta informante se encaixa na descrição que Miller faz sobre mulheres que possuem autonomia profissional e que moram sozinhas. Situação que quase nunca denota práticas individualistas:

“[...] o seu abastecimento é quase sempre feito com um olho na imaginação e no potencial de um outro. Neste ínterim, o ato de comprar

como abastecimento é usado por elas mais para recusar do que para manter seu individualismo. Por tomarem a experiência de comprar diariamente como abastecimento de um lar, e somente se apartando disso como recipientes de presentes especiais, eles podem usar essa estrutura normativa do ato de comprar para se reconstituírem mais como uma variante de lar do que como indivíduo. O ato de comprar é dirigido ao lar em si, que por acaso, naquele momento possui uma só pessoa”. (Miller, 2002:135)

Informante número 2:

O apartamento de MHA possui em média, 78 metros quadrados, dois quartos, uma suíte, banheiro social, cozinha e dependência de empregada. As paredes são pintadas na cor areia, sendo que apenas um lado das paredes, em cada cômodo, contrasta com cores fortes (na sala, é vermelho, no quarto do casal é salmão e no quarto da filha é rosa). O prédio está localizado numa rua arborizada com casas e prédios recém lançados por grandes construtoras numa área muito valorizada, e que a princípio o salário de uma telefonista não seria o suficiente para pagar e manter.

O marido de MHA é corretor de imóveis, portanto tem um salário flutuante, “têm meses que ganha muito bem e tem meses que não tem quase nada”, mas segundo relatos da informante, houve épocas em que ele ficou muito tempo sem vender nenhum imóvel, motivo que explica a inadimplência das prestações do imóvel. De acordo com seus relatos podemos perceber que a aquisição de coisas e bens para a casa está muito ligada a ideia de sacrifício em sua vida.

“Quando eu quero um eletrodoméstico eu faço um sacrifício para comprar uma coisa melhor, de melhor qualidade. Uma coisa é eu comprar um armário de madeira e outra coisa é eu comprar aglomerado. Fiz sacrifício para comprar meu aparelho de som, o computador, mas a geladeira foi o eletrodoméstico mais caro.”

Com exceção da entrevistada número 2, MHA, as demais entrevistadas moram em bairros que não possuem alto status social. Por outro lado, esta é a informante que mais relata casos de sofrimentos e sacrifícios relacionados à gastos e dívidas referentes ao imóvel em que reside. Na verdade ela inicia sua fala mencionando que um dos grandes sofrimentos que passou na vida tem a ver com a quitação de seu apartamento.

“Quando eu comprei esse apartamento o meu marido disse que ia me ajudar, mas nós sempre tivemos um relacionamento de altos e baixos e calhava que quando chegava perto de pagar as promissórias a gente acabava brigando e ele ficou sem pagá-las por quase um ano e as prestações eram altas, porque esse apartamento aqui é muito valorizado. Como a compra tinha sido feita no meu nome, eu sempre sofria ameaças do ex dono do apartamento que me ligava, dizia que colocar no pau (sic), e o advogado dele chegou a me procurar dizendo que o apartamento iria pro leilão. Passei a ter uma qualidade de vida horrível, estava sempre angustiada, às brigas com meu marido, não tinha paciência com minha filha que era bem pequena e passei a ser dependente de calmantes. Hoje depois de dez anos conseguimos resolver boa

parte desses problemas mas ainda tem uma promissória que o cara protestou em cartório e meu nome ficou sujo por causa disso. Eu já quis pagar e parece que o cara perdeu o papel da promissória e agora eu nem sei como ta a situação”.

O seu nome ficou sujo por conta de uma promissória que não foi paga do apartamento. Na ocasião, ficou também com muitas outras dívidas que se acumularam, como condomínio, colégio da filha, cartão de loja de roupas, cartão de crédito e cartão do supermercado:

“Na época do meu maior sufoco, minhas irmãs falavam pra eu desistir de tudo, porque eu tava me desgastando muito, que minha saúde era mais importante, e que muita gente vivia de aluguel e não morria por isso. Mas eu nunca desisti do meu apartamento e não me arrependo de nada. Eu adoro a minha casa. Moro no bairro que gostaria de morar e minha casa é do jeito que eu queria.”

Segundo Mauss (1999), o sacrifício acontece em vários estágios que resultam numa série de transformações não somente da vítima, mas, mais especificamente, do oficiante do sacrifício, ou seja, da pessoa, ou das pessoas que serão beneficiadas pelos resultados do sacrifício.

Informante número 3:

ARB mora com sua mãe num apartamento alugado de 80 metros quadrados num prédio de três andares no bairro do Fonseca, zona Norte de Niterói. O apartamento é dividido em: sala, dois quartos, cozinha, dois banheiros e área de serviço. As paredes são pintadas de cores em tons pastéis, a decoração é sóbria, mas com alguns enfeites, como arranjos de flores artificiais em cima das mesas de centro e de jantar. A informante relata que quando o pai era vivo, a família morava numa casa própria no bairro de Neves em São Gonçalo, mas que devido a problemas financeiros, o mesmo se viu obrigado a vender o único imóvel que possuíam.

A informante é arrimo de família, uma vez que a pensão da mãe não é suficiente para pagar as despesas. Não considera seu salário baixo, no entanto, muitas vezes abre mão de investir na sua vida independente por conta das responsabilidades que possui com a casa que divide com a mãe.

Passou boa parte da vida endividada por conta das responsabilidades que passou a ter quando o pai ficou desempregado e logo após a sua morte. Apesar de ter um irmão mais velho, este contribuiu, segundo ela, para que seu nome e de sua mãe fossem incluídos no SPC, SERASA e Banco central.

“Por conta de todas essas coisas demorei a entrar na faculdade. Entrei com 29 anos, porque precisava dar conta de coisas mais urgentes e trabalhar bastante pra pagar as coisas de dentro de casa. Hoje sinto até um certo orgulho porque já sou pós graduada e estou finalizando minha

segunda faculdade (de Administração). Mesmo assim, tudo acaba tendo que ser muito planejado. Em casa a gente tem muita despesa: é aluguel, alimentação, condomínio,...(ARB)

Informante número 4:

CAF mora numa casa de dois quartos, sala, cozinha, dois banheiros, varanda, um pequeno quintal, churrasqueira distribuídos em 120 metros quadrados. Além das filhas e do marido, CAF divide também o espaço com um cão da raça poodle, um casal de porquinhos da Índia e dez passarinhos que vivem num pequeno viveiro e outros espalhados em gaiolas pelo quintal. É aposentada há mais ou menos uns quinze anos e diz que sua vida é dedicada à família. A casa possui vários enfeites na estante, arranjos de flores artificiais espalhados pela sala, quartos, banheiro e cozinha; quadros de espelho na sala; fotografias e bibelôs na estante. O chão é de piso frio, assim como boa parte das casas desta região, pois o clima costuma ser mais quente por ser menos arborizado. A informante nos coloca que de tempos em tempos faz obras de melhorias na casa e pouco mais de um mês ela terminou um escritório e uma varanda no segundo andar.

Nascida em uma família humilde de dez irmãos, aos dezoito anos foi morar com uma irmã em Niterói, de onde saiu apenas para casar, dez anos depois. Neste ínterim se profissionalizou em técnica de enfermagem e passou num concurso do Ministério da Saúde. Ao casar foi morar em São Gonçalo com o marido (eletricista de uma empresa estatal de telecomunicações) numa pequena casa alugada até comprarem a casa em que moram até hoje, uns dois anos depois, no mesmo município. Segundo nos conta, as despesas familiares são muitas: colégio para a filha mais nova, roupas e sapatos, comida, e etc. Por isso ela tem utilizado nos últimos cinco anos, o saldo disponibilizado no cheque especial.

“Todo os meses eu entro no cheque especial. Tem meses que quando entra meu pagamento sinto direito, porque nem dá pra saldar todas as dívidas.”

5- Os objetos falam

Sobretudo, no caso das informantes mais velhas (MHA e CAF) os enfeites, apetrechos e mobiliário não dão uma idéia dão uma unidade de estilo. O que se deve ao fato da aquisição ter se dado em diferentes momentos e trajetórias de vida. A informante ABMN, por outro lado, é mais cuidadosa na manutenção de um estilo, fato que está associado tanto ao fato de ter montado a sua casa relativamente há pouco tempo, como também pela característica de ter um gosto e capital cultural mais refinado em relação às demais, o que lhe garante um olhar mais atento em relação às questões estéticas. ARB, apesar de ser a principal responsável pelo sustento doméstico, tem os seus traços na

casa divididos com a mãe, casada há 39 anos, viúva há dez e ainda com alguns mobiliários e utensílios herdados desta época. No entanto, todas falam a célebre frase: “a minha casa é a minha cara”.

“Adoro comprar coisas para deixar a casa bonitinha.” (ARB)

“Acho a minha casa linda e adoro quando as pessoas vêm aqui e dizem que ela é bonita e que eu tenho bom gosto. Os meus amigos acabam me dando presentes de decoração porque sabem que eu gosto.” (AMN)

“Não gosto de móveis usados. Na minha casa quero o melhor. Só compro móveis de primeira. Os móveis das Casas Bahia são pra povão porque eles facilitam, mas eu só compro lá eletroeletrônicos.” (MHA)

“Já comprei móveis usados, pois na época estava com muitas dificuldades financeiras. Hoje eu não compraria.” (ARB)

“Já comprei móvel usado em brechó não por necessidade, mas porque achei o aparador bonito e combinaria com minha decoração. Mas o meu padrinho me deu de presente de casamento uma mesa que tinha sido dele com seis cadeiras achando que eu ia gostar. Ele achou que eu era o que?” (AMN)

“A minha irmã que é muito metida disse que os móveis que eu comprei eram parecidos com os móveis de quarto da filha dela, e ainda fez pouco caso de mim, dizendo que era por isso que eu vivia reclamando que tava sem dinheiro, porque eu tava sempre comprando coisas caras. O jeito que ela falou, era como se ela pudesse comprar e eu não, só porque ela ganha o dobro do que eu ganho. Se eu compro é com meu dinheiro então ela nem tem o que se meter.”(CAF)

Em variadas situações, obter um determinado bem tende a ser o elemento chave para a auto-estima do sujeito. Nessas situações, por exemplo, o sacrifício, pode ser uma espécie de prova de amor para si mesmo ou para uma filha que sonha com móveis novos para o quarto, mas que realisticamente aquisição imediata estaria fora das possibilidades de compra.

De acordo com Appadurai (2007), o dinheiro moderno está para os meios de troca primitivos, assim como a moda está para as primitivas regulamentações suntuárias. Há similitudes morfológicas claras entre ambas, mas o termo ‘moda’ sugere alta velocidade, rápida rotatividade, a ilusão de um acesso total e de uma alta conversibilidade, a suposição de uma democracia de consumidores e objetos de consumo. Por outro lado, os meios de troca primitivos, como as leis suntuárias e os tabus, parecem rígidos, de movimento lento, frágeis em sua capacidade de comensurar, ligados a hierarquias, discriminações e posições da vida social.

“[...] a demanda surge como uma função de uma série de práticas e classificações sociais, em vez de uma misteriosa revelação das necessidades humanas, de uma manipulação social, ou de uma redução de um desejo universal e voraz por qualquer coisa que, por acaso esteja disponível: ... a razão por que a demanda

continua sendo em geral um mistério, se deve, em parte, ao fato de supormos que ela possui alguma relação, de um lado, com o desejo (por natureza supostamente infinita e transcultural) e, de outro lado, com a necessidade (por sua natureza supostamente estável)”.(Appadurai, 2006, p.46)

Fica muito claro a partir dos relatos que um dos elementos fundamentais para a construção de si é aquele que é também capaz de criar contraste em relação à outros. O sacrifício na compra de um bem um pouco mais caro, além de satisfazer os sentidos, colabora para criar identidade e distinções.

Tal como coloca Bourdieu,(2008) as autoridades estabelecidas que controlam a moda e o bom gosto na sociedade ocidental não são menos eficazes em limitar a mobilidade social, em demarcar a posição social e a discriminação, e em colocar os consumidores em um jogo com regras constantemente alteradas, determinadas pelos que ‘ditam o gosto’ e seus especialistas afiliados, que habitam o topo da sociedade.

Douglas e Isherwood (2005, p.120) defendem que o significado está nas relações entre todos os bens, assim, como a música está nas relações marcadas pelos sons e não em qualquer nota. Justamente por isso, os bens de consumo. [...] não são meras mensagens; eles constituem o próprio sistema. [...] Ao serem oferecidos, aceitos ou rejeitados, eles reforçam ou solapam as fronteiras existentes. Os bens são tanto o hardware quanto o software, por assim dizer, de um sistema de informações cuja principal preocupação é monitorar seu próprio desempenho.

A casa de MHA é uma casa do tipo que tem quase tudo o que um indivíduo de classe média almeja: televisão e DVD nos quartos e na sala (uma delas é em tela plana de LCD no quarto da filha), microondas, computador com internet, máquina de lavar, geladeira *frostfree*, aparelho de som moderno e potente, além de estar localizada num ponto muito valorizado da cidade. Apesar do seu marido pagar a maioria das despesas, a informante relata que antes deles morarem juntos, ela já havia montado sua casa com móveis e eletrodomésticos de “primeira qualidade”, pagando tudo somente com o seu salário de telefonista.

De acordo com Bourdieu (2007, p.56), a disposição estética [...] é a disposição distintiva de uma posição privilegiada no espaço social, cujo valor distintivo determina-se objetivamente na relação com expressões diferentes. Como toda espécie de gosto, ela une e separa: sendo o produto dos condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência, ela une todos aqueles que são o produto de condições semelhantes, mas distinguindo- os de todos os outros a partir daquilo que tem mais de essencial, já que o gosto é o princípio de tudo o que se tem, pessoas e coisas, e de tudo

o que se é para os outros, daquilo que serve de base para se classificar a si mesmo e pelo que se é classificado.

Exemplos de relatos:

“A minha empregada acha minha casa feia, mas eu me divirto com isso porque ela acha que eu tinha que comprar um rac pra televisão nas Casas Bahia. Ela acha que casa bonita é aquela cheia de móveis.” (ABN)

“Eu não moraria em São Gonçalo porque lá além de ser longe e feio, o pessoal é feio, pobre...” (MHA)

“Eu também mereço ter minha casa com coisas boas, móveis de primeira.”(CAF)

6- “Onde você mora?”

Adquirir ou alugar um imóvel é tido em nossa sociedade como algo extremamente custoso, o que implica em realizar muitos sacrifícios, pelo menos no que tange aos sujeitos oriundos das classes baixas e médias. A idéia de casa própria muitas vezes é associada à um sonho de consumo ou o início de uma nova vida. Essa pergunta mais do que mero interesse pessoal, indica um sentido classificatório fundamental nas sociedades contemporâneas. A localização de moradia revela implicitamente uma série de códigos sociais que podem demonstrar status, capital econômico e estilo de vida. Ainda que indivíduos de baixo poder aquisitivo possam morar em bairros que tradicionalmente estão associados à universos mais altos, só a possibilidade de poder responder: “Moro na zona sul” cria uma possibilidade maior de inserção social. A caracterização da vizinhança é um componente importante na definição desse quadro.

As três informantes deram respostas variadas em relação aonde gostariam de morar. No entanto, foram categóricas quando a pergunta foi “Onde não gostariam de morar”.

São Gonçalo é um município da região metropolitana do Rio de Janeiro que é reconhecido pela precariedade em termos de planejamento urbano e por abrigar indivíduos mais pobres e subalternizados, por isso tende a ser estigmatizado por moradores de municípios vizinhos pelo estilo de vida que oferece aos seus moradores.

“Um lugar que eu não moraria: Terra de Edson. Edson Gonçalo². Só se fosse por muita necessidade mesmo. Porque além de ser um lugar feio e longe, o povo de lá é muito sem educação, gente pobre, feia, ignorante...” (MHA)

Apesar de já ter morado lá, não gostaria de voltar a morar em São Gonçalo, devido à distância e falta de opções de lazer e programas culturais. Também não gostaria de morar na Zona Norte do Rio e na Baixada por ser distante, feio e estar associado a precariedade.(ARB)

² Trocadilho para São Gonçalo

Não moraria em nenhuma parte de São Gonçalo, Engenhoca ou aquela rua de Santa Rosa, Mario Vianna, porque são lugares feios com cara de pobre! Eu também não gosto de lugar sem lei e pra mim São Gonçalo não tem lei nenhuma de trânsito. É uma terra de ninguém. Aliás, subúrbio, de uma maneira geral, me recusaria a morar. Não gosto dessa coisa de ter que dividir calçada com camelô. Noutro dia eu tava passando pelo subúrbio do Rio, porque eu dou aula numa escola lá, e vi uma Kombi de lotação passando em cima da calçada e ninguém fez nada. As pessoas devem achar que isso é normal. Se eu pudesse escolher eu iria querer morar em São Francisco ou Cambinhas.(ABMN)

Morar perto dos amigos e da família é um importante referencial para a escolha da moradia, bem como morar num local de fácil acessibilidade.

“Com a separação me senti muito sozinha e iria precisar ficar perto dos meus pais e dos meus amigos mais antigos e queridos que moram aqui. Pois antes de casar era aqui que eu morava. Apesar do Fonseca ser um bairro feio e decadente, é um bairro acessível ao Rio, o aluguel é também menor do que em Icaraí e zona sul em geral. Tenho identidade com ele apesar de não querer morar aqui a minha vida toda.”

“Eu gosto da minha casa, que é em São Gonçalo, mas queria morar em Niterói porque é mais perto de tudo, perto das minhas irmãs. E às vezes eu me sinto muito sozinha. Se eu tivesse oportunidades eu me mudaria.”

7-Harmonia e Desavenças

A casa é o espaço que demarca hierarquias, diferenças e identidades no interior da família, é por isso, o espaço por excelência da harmonia e contraditoriamente é também o espaço no qual as ofensas e podem ser potencializadas, sobretudo quando o assunto referido são as dívidas que porventura uma das partes deixa de honrar e que comprometem a segurança financeira e emocional de todo o núcleo familiar. Em todos os casos analisados, a falta de dinheiro para o pagamento total das despesas domésticas, gerou desconfortos e sensação de “sobrecarga” por parte das mulheres.

“A casa é o lugar da calma, da tranquilidade, lar e morada. [...] é protegido por honra, com o cuidado dos bens e seus membros. Não se trata apenas de lugar físico e sim de um espaço moral e este fala mais alto. A casa é o lugar do amor filial e familiar e que está sempre de portas abertas para aquelas pessoas queridas. [...] É o contraste das prisões, pensões, hotéis, onde nada é seu. [...] em casa somos gente, na rua somos povo, massa”. (Da Matta, 1997)

“Imagina só se eu não trabalhasse! Como seria a minha vida? Já dei cheque pré-datado e comprei no cartão de crédito porque ele (o marido) dizia que ia pagar, mas cadê que ele pagava? E ele ainda se sentia com a razão quando eu brigava e reclamava. Ele é corretor de imóveis, então você já sabe, só tem dinheiro quando vende alguma coisa. Geralmente quando ele fica sem vender é a época em que a gente mais discute.” relata MHA

“Eu ganhava mais do que o meu marido, então acabava pagando mais coisas do que ele. Mas ficava muito chateada quando ele comprava ou gastava com coisas que não estavam no

orçamento e que eram só pra ele, como por exemplo, ir para shows de rock caros e comprar roupas. Ele comprava muita roupa. Eu achava que eu corria atrás, trabalhava muito porque queria comprar uma casa pra gente, comprar um carro e viajar, mas ele era acomodado. Não chegávamos a ter brigas grandes por causa disso, mas discutíamos e era algo que me incomodava muito.” (ABMN)

“O meu irmão sempre foi o filho pródigo. Ele já sujou o meu nome duas vezes porque pediu pra comprar peças de carro no meu cartão e não pagou. Já colocou nossos pais em muitas furadas por causa de dinheiro. A minha mãe fez um empréstimo pra ele comprar um carro pra ele trabalhar e ele nunca pagou. Meu pai foi obrigado a vender a casa que nós tínhamos pra pagar dívidas dele. Meu pai faleceu há dez anos e hoje eu moro com a minha mãe de aluguel. Uma amiga muito próxima minha também fez isso. Comprou várias coisas no meu cartão, não pagou e meu nome acabou indo pro Serasa. Com ela perdi completamente o contato. Discutimos feio. Com meu irmão também discuti e chorei muito, mas com família é diferente: não ficamos sem nos falar. Só não quero mais me envolver nos problemas dele.” (ARB)

“Já pensei em me separar várias vezes, mas minha filha é pequena e precisa do pai perto porque ele é um ótimo pai; estou fazendo minha faculdade de fisioterapia agora numa faculdade particular; o meu condomínio é muito alto e no geral eu tenho muitas despesas que eu não teria como pagar sozinha. Então quando eu penso em tudo isso, conto até dez e acho que vale a pena esperar as coisas melhorarem.” (MHA)

“Lá em casa eu é quem gasto mais, até porque eu ganho mais do que ele, então acabo absorvendo mais os problemas porque fico na frente das coisas. Eu é quem compro as roupas das minhas filhas, minhas roupas e as dele. Até porque ele não tem muito jeito pra isso. Eu que paguei a faculdade todinha da minha filha mais velha porque se dependesse dele, ele não tava nem aí, ele nem esquentava a cabeça, enquanto eu vez ou outra fazia empréstimos pra dar conta das despesas, ou tinha que usar o cheque especial. Há pouco tempo renovei o quarto delas, comprei um super computador...” (CAF)

A obra de Marcel Mauss elucida dentre outras questões, que o equilíbrio e a solidariedade do grupo tende a ser baseado na oferta de bens, serviços e até atos de culto em honra de seus deuses ou ancestrais. Tais doações, sem que seja esperada ou cobrada uma contraprestação nos parâmetros atuais, escapam à lógica da moderna economia a qual promete um mundo de fartura e igualdade e não consegue realizá-las.

Para Miller (2002), compras e *sacrifício* se relacionam na medida em que representações de gastos e de consumo encontram-se no cerne de ambos. Além disso, nos rituais de sacrifício como nas compras, as representações de excesso e dissipação são sistematicamente negadas através da transformação de ambos em situações de transcendência. No caso do *sacrifício* ela se materializa em uma separação entre aquilo que é ofertado a divindade e aquilo que é utilizado para consumo humano. No caso das compras, a imagem de transcendência é obtida pela transformação do gasto e da dissipação em uma atividade de economia e poupança.

Principalmente no caso das informantes que são mães, percebemos o consumo associado a um ato de amor, tal como analisou Miller (2002). Ou seja, embora exista uma restrição econômica, não é esta lógica que determina a escolha dos bens, mas sim a

lógica afetiva. Da mesma maneira, o conceito de *treat* (presentinho), do mesmo autor, ou seja, um pequeno prazer autoconcedido ou dirigido a outrem no momento das compras.

“[...] O amor aqui descrito tem muito mais a ver com obrigação, dever e um conjunto de predisposições que já existiam antes do relacionamento que os trouxe à tona. [...] demonstra o papel limitado da escolha nos relacionamentos familiares e isso, por sua vez, se refletiu no papel limitado que a escolha tem, quando se estuda o modo como as mercadorias são utilizadas como parte da tecnologia do amor no interior das famílias”. (Miller, 2002: 152)

No caso de CAF, ainda que de forma insatisfeita, ela se orgulha em ter rendimentos que lhe assegurem comprar roupas e acessórios para ela, para as filhas e marido, sem ajuda do mesmo. O lado bom disso é que lhe dá uma sensação de independência financeira. Ele paga as despesas referentes à alimentação e contas de luz e água. Ou como ela diz: *“Ele paga o grosso. Agora as outras coisas, por fora (roupas, sapatos, coisas que as meninas precisam pra escola e pra faculdade,...) eu é que tenho que pagar. O telefone, por exemplo, tem uma quantidade de ligações limitadas porque ele diz que não usa, e se eu quiser eu é que tenho que pagar do meu bolso pra falar mais.”*

Ou seja, ele faz as compras de alimentação, pois na verdade está comprando para si próprio. Ela, por outro lado, por ser esposa, sente uma obrigação latente em vesti-lo e cuidar da aparência dele, apesar de na verdade desejar o contrário, ou seja, um marido que provesse “o grosso” e as demais despesas. Segundo Miller (Ibidem), as mulheres compram na esperança de que aqueles para quem elas compram se tornem os recipientes adequados daquilo que foi comprado e de suas devoções.

Apesar de ser marcada pela idéia de harmonia é no interior da família que ocorre o que Turner chamou de drama social, momento caracterizado pelo surgimento público de tensões.

“Os dramas sociais, dramas de vida, como Kenneth Burke os chama, pode ser convenientemente estudados através de sua divisão em quatro fases. Essas fases eu rotulo de ruptura, crise, reforma, ou reintegração, ou reconhecimento de cisma. Os dramas sociais ocorrem com grupos de pessoas que compartilham valores e interesses e que têm uma história comum, real ou suposta. Os principais atores são pessoas para quem o grupo constitui uma prioridade de alto valor...” (Turner, 2008)

Se analisarmos essas conseqüências de acordo com a visão de drama de Turner, podemos chamar de ruptura o momento inicial em que o consumo atua como um divisor de águas entre a exclusão e a inclusão, na medida em que ele propicia uma construção identitária e de pertencimento social, o que ajuda a justificar alguns sacrifícios de compra. A etapa seguinte chamada crise, Turner sustenta que:

“Uma vez visível, dificilmente pode deixar de ser reconhecida. Seja qual for o caso, segue-se uma crise crescente, um momento de tensão ou de decisão nas relações entre componentes do campo social – no qual a aparente paz transforma em conflitos evidentes e antagonismos latentes tornam-se visíveis”. (Turner, 2008)

A crise é o momento em que o endividado se dá conta do imbróglio que está envolvido. As informantes ainda que sem perceberem, deixaram escapar uma série de expressões populares, que beiram uma situação tragicômica. É como se o fato de brincar com a própria situação desconfortável amenizasse o mal estar.

“Tem época que eu fico matando cachorro a grito e devendo até os pentelhos” (MHA);

“Minha casa tem época que é só fartura”. (farta tudo) (CAF)

“Já teve época em que eu vendia o almoço pra comprar a janta.” (ARB)

“Fico devendo só a duas pessoas: à Deus e ao mundo”.(MHA);

A reforma e o reconhecimento de cisma referem-se às possibilidades de recuperação da crise através de uma reviravolta através do pagamento das dívidas e do retorno a uma situação de reciprocidade (seqüência: aquisição do bem- pagamento-crédito mantido) e conseqüentemente a consciência e o sono tranqüilo.

Como no caso de ABMN, o reconhecimento da situação de dívida não se traduz mais em desespero, ao contrário, existe uma espécie de aceitação.

“Ah, que saber? No início eu me desesperava e tinha até medo de ser presa, mas agora, já vi que tem outras pessoas na mesma situação ou até mais endividadas do que eu e continuam levando a vida, viajando, comprando e se divertido. Eu é que não vou trabalhar só pra pagar dívida. Tem dívidas, como a do computador, que nem funciona mais direito hoje, porque já está ficando velho, que eu não vou pagar não. Cinco anos depois meu nome fica limpo de novo...”

A idéia de equilíbrio financeiro é algo que o indivíduo contemporâneo internaliza de forma racional, e ainda que nem sempre seja alcançado, funciona como meta durante toda a vida. Hicks, apud Douglas & Isherwood (2005:119) defende que o consumidor escolhe suas preferências entre certos objetivos. [...] As mercadorias que ele compra são em sua maioria, meios de alcançar os fins em si mesmos.

8-Conclusões

A posse de determinados objetos dão legitimidade à mudança de estados (como no caso de AMN, casar significa necessariamente ter uma casa e conseqüentemente, obter utensílios domésticos) e a possibilidade de aspirar uma representação ou auto-

imagem com um status diferenciado. Por outro lado, casamento indica planejamento e reciprocidade.

Fica nítido no caso das informantes que tiveram um passado mais humilde, como CAF e MHA, que a casa, sobretudo a casa própria, possui uma relevância que opera como um sinalizador de vitória e ascensão social. É uma espécie de troféu ou templo que precisa sempre ser embelezado. De forma análoga, segundo estudos citados por Miller (*ibidem*) sobre colônias de camponeses sul-americanas, a casa é o modelo básico para as atividades econômicas. O camponês trabalha para a casa, poupa os recursos da casa e tenta ampliar a casa. A casa, na maioria das sociedades camponesas, é um exemplo das propriedades inalienáveis [...].

No caso de ARB, o papel de filha se sobrepõe ao de mulher e mãe. Ela sacrifica sua juventude e desejos pessoais em nome do amor ou sentimento de obrigação à mãe, o que implica também num ato de reciprocidade.

Alternando características holistas e individualistas, dispomos de quadros de endividamento e sacrifício mediados tanto por interesses particulares e satisfação de desejos, quanto pela internalização de normas solidificadas pelas tradições, sobretudo familiares.

A casa é um espaço moral hierarquizado e apesar da harmonia idealizada, onde os papéis estão relativamente definidos, as mudanças apontam para um caminho em que as mulheres dão conta do trabalho na “rua” bem como os homens, no entanto, a “casa” é ainda um território essencialmente feminino. Assim como o dom da dádiva.

As dívidas, fruto do consumo adquirido através do trabalho assalariado “na rua”, numa frequência cada vez maior tem sido incorporada pelas mulheres como forma de prover a casa e suas peculiaridades. Se por um lado, esse fato representa uma vitória feminina no mercado de trabalho, por outro, enfraquece as tradicionais representações masculinas de provedor, o que não representa, no entanto, uma satisfação plena por parte das mulheres, que ainda possuem a dívida moral do cuidado e todas as representações construídas pela ascendente burguesia do século XVIII. A questão que se coloca no ar é se elas gostariam de passar tais atribuições aos homens.

De acordo com Mauss (1998) crenças e práticas sociais que não são propriamente religiosas se encontram em relação com o sacrifício. Tratamos sucessivamente da questão do contrato, da redenção, do castigo, da dádiva, da abnegação, das idéias relativas à alma e à imortalidade que são ainda a base da moral comum. "uma parte considerável de nossa moral e de nossa própria vida detém-se sempre nessa mesma

atmosfera da dádiva, da obrigação e da liberdade mescladas"; existe sempre a "despesa pura e irracional".

Referencias bibliográficas

APPADURAI, Arjun.(coord.). A história social das coisas. Niterói, Eduff, 2007.

BARBOSA, Livia.Cultura, consumo e identidade: limpeza e poluição na sociedade brasileira contemporânea. In: BARBOSA & CAMPBELL (Org.) *Cultura, consumo e identidade*, Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BARROS, Miriam Lins. Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira.Rio de Janeiro, Zahar, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: Acrítica social do julgamento*, Porto Alegre, Editora Zouk, 2007.

CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*.Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DA MATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil.Rio de Janeiro, Rocco, 2001.

DOUGLAS, Mary & ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens*. Para uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51 ed. São Paulo: Global, 2006.

GOMES, Laura Graziela. Madame Bovary ou o consumo como um drama social. In: In: BARBOSA & CAMPBELL (Org.) *Cultura, consumo e identidade*, Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GODBOUT,J.T. Introdução à dádiva. *Revista brasileira de Ciências Sociais*. vol. 13 n. 38, São Paulo, Oct. 1998.

HUBERT, H. e MAUSS.Marcel. Ensaio sobre a natureza e função do sacrifício. In- MAUSS, Marcel. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo, Perspectiva, 1999.

MAUSS, Marcel. Ensaio de Sociologia. São Paulo: Perspectiva, 2ª edição,1999.

MILLS, C.W. *A nova classe média*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

MILLER, Daniel. *A teoria das compras*. O que orienta a escolha dos consumidores. São Paulo, Nobel, 2002.

SARTI, Cynthia Andersen. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. São Paulo: Cortez. 2003. TURNER, Victor. *Floresta de símbolos*. Niterói: Eduff,2005.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*. Ação simbólica na sociedade humana, Niterói, Eduff, 2008.